31761 07047224 6

Victorino, Virginia
Namarados

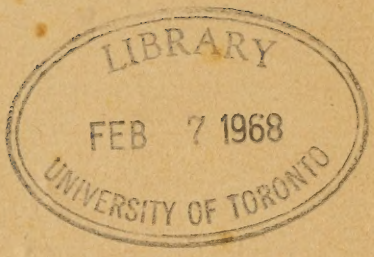
PQ
9261
V47N3

VIRGINIA VICTORINO

# Namorados

1920
Ofic. ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Rua do Seculo, 43
LISBOA

PQ
9261
V47N3



*«Amour, allez-vous en pour qu'on puisse mourir.»*

COMTESSE DE NOAILLES

# Quando te vi

---

A manhã era clara, refulgente.
Uma manhã doirada. Tu passaste.
Abriu mais uma flôr em cada haste.
Teve mais brilho o sol, fez-se mais quente.

E eu innundei-me d'essa luz ardente.
Depois não sei mais nada. Olhei... olhaste...
E nunca mais te vi.—Extranho contraste!—
A madrugada transformou-se em poente.

Luz que nasceu e apenas scintillou!
Deixou-me triste assim que se apagou.
A's vezes fecho os olhos; vejo-a ainda...

E ha tanto sol doirando esses trigaes!
Olhaste, olhei, fugiste... Ai, nunca mais,
nunca mais tive outra manhã tão linda!

# Amor

O amor! o amor! Ninguem o definiu.
E' sempre o mesmo. Acaba onde começa.
Quem mais o sente menos o confessa.
E quem melhor o diz nunca o sentiu.

Conhece a todos mas ninguem o viu.
Se o procuramos foge-nos depressa.
Se o desprezamos, todo se interéssa.
Só está presente quando já fugiu.

E quanto mais se quer, menos se alcança.
E' homem feito sendo uma creança.
Ninguem o encontra e em toda a parte móra.

Mata a quem d'elle vive. E' sempre assim.
Só principia quando chega ao fim.
Morreu ha muito e nasce em cada hora.

# Os teus olhos

---

OLHA-ME bem, assim. Que o teu olhar
tenha, ao fitar o meu, maior doçura;
que o envolva uma nuvem de ternura
como ninguem a saiba imaginar.

Que seja em tudo semelhante ao mar:
fórma-se a onda, avança com bravura,
mas quando avista a areia — que brandura! —
roja-se e canta porque a vae beijar.

Que os teus olhos te fiquem repassados
d'uma luz de palacios encantados,
ao morrer o luar, de madrugada.

Que elles se vão cerrando lentamente,
n'uma tinta apagada de poente,
n'uma tristeza morna, fatigada...

# Não sei

---

Porque te quero assim? não sei dizel-o.
Vi-te uma vez, e, mal te conheci,
tanto o meu coração foi para ti,
que tenho até receio de perdel-o.

Porque é tão linda a côr de teu cabello?
Porque será que a tua bocca ri?
Eu posso lá saber porque te vi,
Deus sabe lá porque te fez tão bello?

O amor é sempre vago, sempre errante.
Diz muito, é certo, e nunca diz bastante;
é tudo e nada; é crente, mas descrê.

Porque te quiz? Mas que me importa a mim!
Vivo n'este mysterio, sempre assim.
Vivo d'amar-te, sem saber porquê.

# Alleluia

---

Antes de te encontrar nem eu vivia.
Nem mesmo sei dizer quem d'antes era.
Andava atraz do sonho, da chimera,
procurava-te sempre e não te via.

Tu és o tronco. Eu sou a folha d'hera.
Tu és na minha noite um claro dia.
Dás á minha tristeza uma alegria.
Trazes ao meu inverno a primavera.

Esta paixão, sei lá porque m'a fazes...
Dá-me rosas, e cravos, e lilazes...
Eu quero a minha vida bem mudada.

Como se encontra o bem que se procura!
O meu passado esqueço-o: é noite escura.
Abro os olhos agora: é madrugada.

# Revelação

Sei lá d'onde me veiu tanto amor!
Sei lá porque é que sinto esta loucura!
A minha vida era sombria e escura,
e agora é uma roseira toda em flôr!

.

Nada me afflige. Nada me tortura.
Canta dentro de mim, seja o que fôr!
Viver assim, contente, é bem melhor
do que andar sempre envolto na amargura!

Sou feliz! sou feliz! não sei mais nada!
Ando perdida, anciosa, deslumbrada,
gosto de ti n'um doido amor sem fim!

Mas tamanha loucura, d'onde veiu?
Porque gosto de ti? E' porque és feio,
e porque nunca olhaste para mim...

# Alegria

---

Ha diversas maneiras de sentir.
A vida é que o affirma dia a dia.
Ha uns que encaram a tristeza a rir.
Outros que choram mesmo na alegria.

Uns sentem a dor muda, grande, fria.
Outros choram as penas a sorrir...
O que um sorriso, ás vezes, nos diria!
O que esconde uma lagrima ao cahir!

A alegria é difficil de occultar.
Gosta de luz, de sol e de cantar,
e quando assim não é, já se não sente.

Não se esconde. Por mim, logo que a vejo,
logo que a sinto, Deus! sinto desejo
de a dizer pela rua, a toda a gente.

# Interrogação

---

Mas onde foste tu, amor, aonde
foste buscar essa tão extranha ideia?
Essa pergunta mais me prende e enleia.
Para que hei de eu fallar? Anda, responde.

Nem nada existe que a minh'alma sonde;
tu não deves saber da vida alheia.
Quem mostra amor não tem ninguem que o creia.
E' bem mais verdadeiro o que se esconde.

Dizer-te o meu amor? Não peças tanto.
Era perder aos poucos todo o encanto.
Perturbam-me os teus olhos de velludo...

Já não consigo olhar-te... Que tristeza!
Acabo de te dar toda a certeza
e sem querer, disse-te agora tudo...

# Dia 13

---

Ha quem diga que é sempre triste sina
nascer a 13. Que é uma triste sorte;
que n'esse dia nos espreita a morte
e que há um génio mau que nos domina.

Que a tristeza maior, que a pequenina
amargura, não ha quem as supporte
n'um dia assim. E desde o fraco ao forte,
perante aquelle azar tudo se inclina.

Dia 13 ? Não sei o que me trouxe.
Lembrança triste e ao mesmo tempo doce!
Vou recordando agora o que soffri.

Dia 13? Não sei. Devem ser penas,
alegrias talvez...—Eu sei apenas,
que foi n'um dia 13 que te vi!

# Ventura

---

Todos temos qualquer aspiração,
qualquer sonho na vida a desejar.
Quem o não tem, não pode caminhar,
que sem forças lhe pára o coração.

Leva-se a vida pela nossa mão,
se um grande sonho, em nós, anda a cantar.
Correr atraz dos sonhos, sem parar,
e sem saber sequer onde elles vão!

Quem morre a desejar é que é feliz.
Não conseguiu aquillo que mais quiz,
mas teve sempre, sempre a mesma esperança.

Realisa-se um sonho? Pouco dura.
O bem fugiu. Porquê? Porque a ventura
só é ventura emquanto não se alcança.

# Os cravos

Os cravos que me dás todos os dias,
são sempre eguaes. Têm sempre a mesma côr.
Cravo encarnado quer dizer «amor»,
amor correspondido.— Já sabias?

Mas entre eles ha um, sempre maior,
de folhas mais compridas, mais esguias.
Que quer dizer? E' beijo que me envias?
E' ternura? Não sei. Seja o que fôr.

Gosto d'elle. E' bonito. E' faiscante.
Dizem que dar um cravo é ser constante
Ha quem diga tambem que são aggravos...

Por mim, nem mesmo sei — vê tu que louca! —
se ao ver os cravos scismo n'essa bocca,
se ao ver-te a bocca, scismo n'estes cravos!

# A' janella

---

ESPERO-TE sósinha na janella.
Vens-me fallar, amor. Penso, medito
Noite d'azul, tranquilla. Em cada estrel a
como se fosse em ti, os olhos fito.

Chego a ter mêdo. Porque não evito
ou não retardo a hora grande e bella?
Esta alegria ha de explodir, n'um grito
em que a minh'alma toda se revela.

De novo estou sósinha. Chóro. Choras.
Que mysterio insondavel o das horas!
Partes. Oiço-te os passos. Noite fria.

Que ausencia! Voltarás? Senhor! Senhor!
São as horas tão grandes para a dôr
e tão pequenas são para a alegria!

# Intimidade

---

QUEM nos vir, n'esta gélida apparencia,
sem saber o que vae dentro de nós,
dirá: «Mas o que foi que assim os pôz?
Que frieza, que duvida, que ausencia!»

Não comprehendem a divina essencia
que perfuma, em silencio, a nossa voz;
e não vêem sequer a raiva atroz
que temos por tão futil insistencia.

Eu finjo não te ver; mas desespéro.
Finges tambem. Os outros? Não, não quero.
Nunca hão de perceber esta anciedade.

Mas hontem? Apesar de tanta gente,
n'aquelle olhar, trocado de repente,
como foi longa a nossa intimidade!

# Futilidade

---

Não saias hoje, amôr. Dize que sim!
Passaremos a noite a conversar.
Se queres vou tocar, dansar, cantar...
O que eu desejo é ter-te ao pé de mim!

Não saias hoje... Iremos ao jardim,
apanho rosas para me enfeitar,
e fico presa á luz do teu olhar,
e perfumo-me toda de jasmim!

Não sahes? dizes que não? Meu bem! meu bem!
Como a gente é feliz quando ama alguem!
Oiço apenas na terra a tua voz...

Vamos, senta-te aqui. Lê versos, fuma.
Emquanto lês eu olho a salla... — Bruma .
Vejo-me ao espelho e ponho pó d'arroz.

# Silencio

---

«LEVANTOU-SE lá fóra tanto vento!
Que dizes? Vou fechar estas janellas?
Faz-me impressão que trema a luz das velas
e assim, é mais completo o isolamento.»

Passâmos o serão. A's vezes tento
abafar as palavras e vencel-as.
Então fallo de tudo — céu, estrellas,
busco um disfarce ao extranho encantamento.

Elle entende estas coisas e define-as...
«Não achas lindo o ramo das glycinias?
Antes sobre esta mesa? Eu vou mudal-o.»

Silencio... Toda a vida está no olhar.
Morre o perfume... a luz...—Fallar! fallar!
—O que eu te digo, amor, quando me calo!

# Longe

---

Dia de chuva. Um dia somnolento.
Ha tanto tempo que não chove assim!
As rosas que floriam no jardim
foram todas levadas pelo vento.

Vejo-me só. Que triste isolamento!
Precisava d'alguem ao pé de mim.
Esta chuva, este dia, não teem fim.
Não ha rosas nem sol... Dia cinzento!

Olha, meu bem: Sou como um passarinho.
Ando perdida dentro do meu ninho.
Tenho tantas saudades dos teus olhos...

Se tu viesses!—Trago as mãos nervosas...
Se tu viesses, vinha o sol; e as rosas,
as rosas, meu amor, eram aos mólhos!

# Excerpto d'uma carta

---

Saudades tuas? Sim. Cada vez mais.
Não t'as affirmo sempre. Para quê?
Hão de chorar as rosas nos rosaes,
e as lagrimas, amor, ninguem lh'as vê.

Vae perguntar ás pombas dos pombaes
se ás vezes andam tristes, e porquê.
E' que as pombas e eu somos eguaes:
na dôr occulta é na que mais se crê.

E tu? Que fazes tu? Sentes tambem
que, não me vendo a mim, não vês ninguem?
Comprehendes agora o que eu senti?

Ai, se assim fôr—perdoa-me a loucura! —
se me mandas saudades e ternura,
ficarei sempre assim, longe de ti.

# Differentes

---

Falla commigo, amor. Conta-me tudo.»
Assim dizia a tua linda carta.
As saudades que soffre quem se aparta!
E como eu sou feliz, porque me illudo!

Custou-me que partisses. E, comtudo,
murmurei ao sabel-o: «Pois que parta.
Aborreceu-se? Tambem eu estou farta.
E, se mudar, então tambem eu mudo.»

Foste. O que escreves são banalidades.
E contas-me sem sombra de saudades:
«passeio... mato o tempo, assim... assim...»

Commigo quasi o mesmo se está dando;
mas, em vez de ser eu que o vou matando,
o tempo é que me vae matando a mim.

# O que eu te não digo

O meu desejo era mandar-te prosa
cheia de côr, de brilho, de relevo,
na pequenina folha côr de rosa
d'este papel vulgar em que te escrevo.

Palavras de ternura? Não me atrevo.
Se penso n'uma phrase carinhosa
arrependo-me logo:—«Não... Não devo...»
E a pagina sahe fria, dolorosa.

Lamentas-te. Bem sei que tens razão.
Quero escrever, fallar, e não consigo...
Vê que perturbadora commoção!

E, comtudo, tu tens de comprehender
o que eu, por mais que faça, te não digo;
o que eu não sou capaz de te escrever.

# Incerteza

---

MENTES-ME muito, sim. Já m'o tens dito
e eu tinha-o já tambem adivinhado.
Mas que me importa a mim esse peccado,
se te desculpo até, se te acredito?

Qual será de nós dois o mais culpado?
Tu, que mesmo a mentir és tão bonito,
mudando em graça o teu maior delicto,
ou eu, porque te tenho acreditado?

Tu vaes dizendo aquillo que não sentes;
eu ando presa a ti, n'esta anciedade
de saber o motivo por que mentes.

Enganamo-nos ambos sem pensar:
tu a mentir, dizendo-me a verdade,
eu crendo em ti, mas sempre a duvidar.

# Uma vez

---

Ama-se uma vez só. Mais de um amor
de nada serve e nada o justifica.
Um só amôr, absolve, santifica.
Quem ama uma vez só, ama melhor.

Qualquer pessoa, seja lá quem fôr,
se a uma outra pessoa se dedica,
só com essa ternura será rica,
e qualquer outra julgará peor.

Ha dois amôres? Qual é o verdadeiro?
Se ha segundo, que é feito do primeiro?
Esta contradicção quem foi que a fez?

Quem ama assim, julga talvez que amou;
mas pode acreditar que se enganou
ou da primeira ou da segunda vez.

# Meu amôr

Nem eu sei porque choro ao pé de ti
agora que o meu pranto aborreceste.
Choro, talvez, o amôr que me tiveste,
choro o teu coração, que já perdi.

O teu rosto era triste; agora ri,
contente d'este mal que me fizeste.
O que fui para ti, tudo esqueceste;
só eu, tudo o que foste, não esqueci.

Porque te quero ainda, meu amôr,
se tu não comprehendes este horror?
Porque me prende tanto essa altivez?

Olha-me bem: se as lagrimas cahidas
ao pé de ti, são poucas, são mentidas.
Crê ao menos n'aquellas que não vês.

# Contradicções

---

Não ha culpa no mundo sem razão
e entretanto, bem visto, é tudo errado.
Quanto innocente a gente vê culpado,
e quantos criminosos teem perdão!

Tudo na vida é uma contradicção.
Quantas vezes perpassa ao nosso lado
um riso todo em lagrimas gerado,
um riso que é um mundo d'afflicção?

Nada vale o que vale. Tudo mente.
Quem mais soffre é talvez quem menos sente.
Nem é verdade aquillo que já vimos.

Quem sabe? A vida é tão enganadora!
Talvez a gente ria quando chora,
choraremos talvez crendo que rimos!

# As tuas cartas

Tão pequenas as cartas que me escreves!
Demoram tanto tempo! com certeza
não sabes calcular esta tristeza
que eu sinto quando as vejo frias, breves.

Afago-as á chegada. Se veem leves,
tu sabes lá que falta de firmeza
as minhas mãos demonstram! E a surpreza
é sempre a mesma: o pouco que me escreves.

Tão differentes somos! Eu, então,
mando-te em cada lettra o coração,
e tu, meu bem, tão pouco te revelas!

Sempre mysterio aonde o amor existe!
Se eu te disser que fico ás vezes triste
por não levar mais tempo á espera d'ellas?

# Lagrimas

---

CHORAMOS tanta lagrima na vida!
E ás vezes nem o chôro nos faz bem.
São saudades de tudo e de ninguem.
E' uma amargura apenas presentida.

Uma esperança, uma illusão perdida.
Dôr que não percebemos d'onde vem...
A tristeza que faz perder alguem!
Oh, magua, pequenina e dolorida!

Inda quem chora e sabe porque chora,
vae diluindo a magua em cada hora,
e nada mais que a propria dôr já vê.

Lagrimas silenciosas a rolar!
São as que mais nos custam a chorar:
as que chorâmos sem saber porquê

# O maior mal

Não sei bem o que sinto. O mal que tenho,
vem já de muito longe, é muito antigo.
Ando tonta de dôr, não sei que digo,
sei que ainda não houve mal tamanho!

Não posso mais; amargurado e extranho
meu coração precisa d'um abrigo.
D'um outro coração que ande commigo,
que saiba aonde vou e d'onde venho!

Á's vezes desespéro; mas se penso,
vejo um tormento ainda mais intenso
e mais cruel na vida que levâmos.

Se um mal é grande, outro maior existe.
E estar triste, afinal, não é tão triste,
como fingir ás vezes que o não estamos!

# Desgraça

---

Toda a tristeza tem razão de ser.
Em cada vida ha sempre uma desgraça,
—sina terrivel que o Destíno traça,—
e cada um de nós tem de soffrer.

Domina, tem a força d'um dever,
suffoca-nos a voz, — cruel mordaça!
não se pode afastar, só embaraça,
não nos deixa gritar, andar, correr

Remedio para a dôr, quem o terá?
A causa da desgraça aonde está?
Quero gritar, não sei da minha voz!

E entretanto, é tão facil triumphar!
O remedio consiste em se encontrar
alguêm mais desgraçado do que nós.

# Velhice

---

Achas-me velha? Seja. Ha quasi um anno
inda me achavas nova. Estou mudada?
Succede a noite ao dia, á madrugada...
Quanta certeza nasce d'um engano!

Concorda, meu amor. E's deshumano.
Tenho soffrido tanto! Estou cansada.
Cada ruga é nma lagrima chorada;
cada cabello branco, um desengano.

Envelhecer por ti é o meu dever.
Tu nunca me soubeste comprehender
e nada o meu amor já te merece!

Que outros me achassem velha, era ventura!
Mas fosses tu a doce creatura,
a unica, que nunca m'o dissésse!

# Horas

---

Tem cada hora uma decifração.
As horas fallam e teem gestos, côres.
Na hora da manhã — vê que explendores! —
é differente a sua vibração.

Repara bem na hora dos amores.
E' um coração com outro coração.
Tem a hora maior palpitação.
Tem vida, movimentos e langores.

E' cada hora um livro, e cada qual
da sua forma o lê: ou bem ou mal.
Horas que vão e que não voltam mais!

Para mim ha só duas. Males... bens...
E' a hora doirada em que tu vens
e a hora dolorosa em que te vaes.

# Sempre

Sou a mesma, bem sabes. Não mudei.
Tu és ainda toda a minha crença.
O teu amor em nada me compensa;
mas eu sou escrava e o meu amor é rei.

Sinto bem essa dura indifferença
com que me vês, mas não me queixarei.
O amor, para ser grande, não tem lei,
e ás vezes em si mesmo se condensa.

Quem sabe lá porque eu assim te quiz?
Tambem na dôr, se pode ser feliz.
O teu desdem já não me mortifica...

Sou para ti o que teem sido tantas.
O meu amor é como certas plantas:
pisam-lhe a flor, mas a raiz lá fica.

# Meia noite

«...e se não fôr fallar-te até á meia noite, não esperes. E' porque não vou».

(D'uma carta)

---

COMEÇARAM as horas a cahir;
uma, duas... Virá? Vem, com certeza.
E eu, commovida, assim como quem reza,
cá vou contando as horas, a sorrir.

E três, e quatro... cinco... E elle sem vir!
Se não vem, será prova de frieza?
Seis... sete...—Não será!—Mas aqui presa,
sem saber nada, sem poder sahir!...

Oito... nove... Mentiu. Onde estará?
Sinto passos. E' elle que vem lá!
Enganei-me... Não sei... Não é ninguem.

Dez... onze... Mas meu Deus, tanta demora!
A minh'alma succumbe, treme, chora...
Meia noite... Acabou-se! Já não vem.

# Não

Não venhas ver-me, não. De que servia?
Nem eu tenho coragem para tanto.
Gostava muito, é certo, mas o encanto
da tua grande ausencia, acabaria.

E' tornar a perder-te. Um certo dia,
Tu partes novamente e, todo o pranto,
ou pouco ou muito, — não importa quanto —
nunca o compensa uma hora d'alegria.

Mas se eu não posso ter outro desejo!
Se eu, não te vendo a ti, nada mais vejo!
Como é que sendo assim, não te hei de ver?

Responde-te a minh'alma commovida:
Vale mais ter um mal por toda a vida,
do que alcançar um bem para o perder.

# Ao teu ouvido

Fiz-te vibrar, eu sei, fiz-te descrer.
O que se soffre ás vezes n'um momento!
O teu amor foi como folha ao vento
e a pobre da minh'alma inda te quer.

Sou caprichosa e futil. Sou muiher.
Não te prendo, bem vês, nem me lamento.
Fiz-te descrer, soffri, mas tenho alento
para encarar, sorrindo, o teu soffrer.

Insultas-me, duvidas, — que alegria!
E' que me queres ainda, é que algum dia
o teu amor me volta, oh doce bem!

Mas inda que não voltes, muito embora!
Ouve o que eu digo ao teu ouvido agora:
Não crês em mim? Não crês em mais ninguem!

# Fraqueza

---

Logo que o veja—penso—eis o que eu digo:
«Estes doidos ciumes que me fazes,
esta anciedade enorme em que me trazes,
não podem continuar, meu bom amigo».

«Tu não te prendes nunca mais commigo,
nem tentarás as costumadas pazes.
Procuras outra; mas, renova as phrases,
porque esse estylo é maçador e antigo».

Assim pensei, é certo. Mas depois
o que é que se passou entre nós dois?
Ainda não consigo explicar isto...

Sahi um dia. Vi-o. De repente,
não sei porquê, fugi covardemente,
e fiz de conta que o não tinha visto...

# Duvída

O teu amor inda me não conhece.
Duvída mais de mim! Tudo o que eu sinto,
é para ti profundo labyrintho
onde lancei á prova o teu interesse...

Não podes entender. Falta de instincto...
Dirás talvez: «Nem sei onde comece».
E o teu desejo, aos poucos, esmorece.
Nem sabes se te quero ou se te minto.

Despreza-me. Duvída. N'um tormento
tambem se pode achar contentamento.
Quero soffrer por ti, por mais ninguem!

Um grande amor é doido, é desegual.
Se ha qualquer bem que ás vezes nos faz mal,
ha sempre um grande mal que nos faz bem.

# Cinzas

---

Um grande amor em pouco se resume.
E o nosso como foi? Grande e pequeno.
Não durou mais que a sombra d'um perfume.
Foi mal e bem. Um balsamo e um veneno.

Restam-nos cinzas do que nem foi lume.
Ah, como eu lembro aquelle encanto ameno!
Se traduz um perdão cada queixume,
como eu me sinto bem se te condemno!

Olhei, sorri... — Seria isto amor? —
Não te pude fallar, perdi a côr,
e tu ficaste a olhar-me, triste e mudo.

Amámo-nos. A prova está bem dada.
Era tudo este amor, agora é nada.
E' nada agora, sendo ainda tudo.

# Orgulho

---

És orgulhoso e altivo. Tambem eu.
Nem sei bem qual de nós o será mais.
As nossas duas forças são rivaes.
Se é grande o teu poder, maior é o meu.

Tão alto anda este orgulho! Toca o céu.
Nem eu quebro nem tu. Somos eguaes.
Crêmo-nos inimigos. Como taes,
nenhum de nós ainda se rendeu.

Hontem, quando nos vimos, frente a frente,
fingiste bem esse ar indifferente,
e eu, desdenhosa, ri, sem descórar...

Mas que lagrimas devo áquelle riso!
E quanto, quanto esforço foi preciso
para, na tua frente, não chorar!

# Carta ao meu amôr

---

Meu amôr: Acabemos se assim queres.
Amanhã mando as cartas. Afinal
és como os outros todos—um banal,
e eu serei como todas as mulheres.

O nosso amôr foi sempre desegual.
Inda has de ter saudades. Se as tiveres,
eu adivinho-as se m'as não disseres
e hei de ficar contente. E' natural.

Já me não amas. Fallo e não me crês.
Eu fico-me a pensar se alguma vez
me chegarias realmente a amar.

Parece-me que dura tudo ainda!
Porque em verdade um grande amôr só finda
quando nunca chegou a começar...

# Ao telephone

---

«Quem falla? ah sim, és tu? d'aqui sou eu».
Começámos os dois a conversar.
A voz d'elle vibrou; foi como o mar.
Ligeiramente a minha voz tremeu...

«Venho saber se queres continuar
ou se tudo acabou, tudo morreu».
Ligeiramente a minha voz tremeu.
A voz d'elle vibrou, foi como o mar...

Respondi: «Para quê? E' melhor não».
Foi-se embora, cortou a ligação,
nunca mais veiu,—o mal que elle me fez!

Desdizer o que disse,—quem pudera!
Porque fugiste logo? Eu estava á espera
de que m'o perguntasses outra vez...

# Outr'ora

E tudo está na mesma, tudo egual.
Tudo falla de ti a cada passo.
—Caminhos que eu andei pelo teu braço,
andorinhas a rir sobre o beiral...

O que eu gostei de ti! Era um crystal
a minh'alma. Depois um embaraço.
Amargura mudada n'um cansaço,
e o nosso amor findou, triste e banal.

Faz-me saudades tudo o que dissémos.
E' sempre bom aquillo em que nós crêmos.
Eu cri n'uma mentira. Sou mulher...

Ai o que nós dissémos! Que anciedades!
Mas sobretudo, amor, tantas saudades
do que nunca chegámos a dizer!

# Esquecimento

NUNCA mais quero ver-te. D'hoje em diante,
seremos como extranhos. Se quizeres,
suppõe-me a mais injusta das mulheres,
porque eu a ti, conheço-te bastante.

Cansei. Fui tão fiel, fui tão constante!
Pouco me importarei se o não disseres.
Pobre de ti! nem sabes o que queres!
Volta de novo á tua vida errante.

Prompto, acabou-se. Agora, quando penso,
acho mal empregado o amor immenso,
toda a tornura que te dei a ti.

Mas esquecer-te como, se afinal,
presa na dôr d'esta obsessão fatal,
ando sempre a lembrar que te esqueci?!

# Despeito

---

DIGO o que n'outro tempo não diria:
Foi tudo um grande sonho enganador.
Nego o passado e juro que esse amôr
só existiu na tua phantasia.

Sinto a volúpia da mentira. A dôr,
não transparece. Nego. Que alegria!
Fiz crer ao mundo inteiro, por magia,
que és de todos os homens o peor.

Nunca me entonteceu esse sorriso
e, vê lá tu! se tanto fôr preciso,
nego tambem as cartas que escrevi.

Quero humilhar-te emfim! Mas não comprehendo
porque me exalto e chóro e te defendo,
se alguem, a não ser eu, diz mal de ti.

# Tristeza

Nos dias de tristeza, quando alguem
nos pergunta baixinho o que é que temos,
ás vezes nem sequer lhe respondemos:
faz-nos mal a pergunta em vez de bem.

Nos dias dolorosos e supremos,
sabe-se lá d'onde a tristeza vem!
Calâmo-nos. Pedimos que ninguem
pergunte pelo mal de que soffremos.

Mas quem está livre de contradicções?
Quem pode ler nos nossos corações?
Oh, mysterio que em toda a parte existes!

Pois haverá desgosto mais profundo
do que este de não ter alguem no mundo
que nos pergunte porque estamos tristes?

# Saudade

---

SAUDADES? vêde rosas, vêde espinhos.
N'uma palavra só, a vida inteira.
Saudade! enternecida companheira
dos que viveram tristes e sósinhos!

Embora fossem negros os caminhos
percorridos em horas de canceira,
na saudade apparecem de maneira,
que só nos lembra: Havia rosas... ninhos...

Saudade! livro de Horas onde a gente
lê passado e futuro, e lê presente,
sem lhe encontrar principio, meio ou fim...

Oh saudade! alegria da amargura!
Dia de sol, oh minha noite escura!
O que te fez nascer dentro de mim ?

PQ 9261 V47N3

Victorino, Virginia
Namorados

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 12 22 07 016 1